RTA Revista Turismo em Análise

Revista Turismo em Análise - RTA | ISSN: 1984-4867

DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v29i3p525-539

Artigos e ensaios

A Prática do Geoturismo no Vale do Jequitinhonha como Alternativa de Valorização do Patrimônio Geomineiro e Etnodesenvolvimento Regional

Liliane Rodrigues de O. Braga[a]
Ludimila de Miranda Rodrigues Silva[b]
José Antônio Souza de Deus[c]

Resumo

O geoturismo é um segmento da atividade turística em ascensão em âmbito nacional e internacional, pautado na difusão do conhecimento, na conservação e na valorização do patrimônio geológico por meio do desenvolvimento de práticas de sustentabilidade. Vale ressaltar que esse tipo de turismo pode se configurar como importante instrumento para o etnodesenvolvimento de comunidades tradicionais, especialmente para aquelas que mantêm uma relação intrínseca com o patrimônio geológico e mineiro, como é o caso de diversos núcleos populacionais do Vale do Jequitinhonha, MG. O objetivo deste trabalho foi investigar as relações das comunidades tradicionais de quilombolas e garimpeiros com o patrimônio geomineiro do Vale e suas contribuições para a prática do geoturismo como uma alternativa de etnodesenvolvimento regional. Os procedimentos metodológicos adotados compreenderam pesquisa bibliográfica; reconhecimentos de campo, com realização de entrevistas semiestruturadas; análise da relação das comunidades tradicionais com o patrimônio geomineiro; sistematização de dados; e reflexão crítica sobre as informações levantadas. A análise dos resultados aponta que as comunidades alvo da pesquisa mantêm uma relação intrínseca com o patrimônio geomineiro e que a prática do geoturismo, compreendida como alternativa de etnodesenvolvimento, apresenta elevadas potencialidades de apropriação pelas populações tradicionais locais em seu exercício de protagonismo etnopolítico. Já se atestam iniciativas desse cunho, embora pontuais e incipientes, demandando ações de planejamento e de intensificação do diálogo com os atores envolvidos. Esperase que os resultados obtidos na pesquisa possam contribuir para despertar um novo olhar para essa temática pelos gestores públicos, agentes do setor turístico, comunidade científica e grupos tradicionais locais.

Palavras-chave: Geoturismo; Patrimônio geológico e mineiro; Etnodesenvolvimento; Comunidades tradicionais; Vale do Jequitinhonha.

Abstract

The Practice of Geotourism in the Jequitinhonha Valley as an Alternative for Appreciation of the Geomining Heritage and Regional Ethnodevelopment

a. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: liliane.geo@gmail.com

b. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: ludimilarodrigues86@gmail.com

c. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Professor de pósgraduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Email: jantoniosdeus@uol.com.br

Geotourism is a segment of tourism activity that is growing at national and international levels, based on the dissemination of knowledge, conservation and appreciation of the geological heritage through the development of sustainability practices. It is noteworthy that this type of tourism can be configured as an important instrument for ethnodevelopment of traditional communities, especially for those that maintain an intrinsic relationship with the geological and mining heritage, as is the case with several population centers of the *Vale do Jequetinhonha* (Jequitinhonha Valley), MG. The aim of this work was to investigate the relationships between traditional *quilombola* and gold miners communities and the geomining heritage of the valley and their contributions to the practice of geotourism as an alternative for regional ethnodevelopment. The methodological procedures adopted comprised bibliographic research; field recognition, with semi-structured interviews; analysis of the relationship of traditional communities with geomining heritage; data systematization; and critical reflection on the information gathered. The analysis of the results shows that the target communities of the research have an intrinsic relationship with the geomining heritage and that the practice of geotourism, understood as an alternative of ethnodevelopment, presents high potential of appropriation by the local traditional populations in their exercise of an ethnopolitical leading role. Initiatives of this kind are already underway, albeit punctual and incipient, requiring actions of planning and intensification of dialogue with those involved. Hopefully the results obtained in the research may contribute to bring a new perspective of this theme by public managers, tourism sector agents, the scientific community and local traditional groups.
Keywords: Geotourism, geological and mining heritage, ethnodevelopment; traditional communities, *Vale do Jequitinhonha*.

Resumen

La práctica del geoturismo en el Valle del Jequitinhonha como una alternativa de valorización del patrimonio geominero y etnodesarrollo regional

El geoturismo es un segmento de la actividad turística en ascenso a nivel internacional y nacional, pautado en la difusión del conocimiento, conservación y valorización del patrimonio geológico por medio del desarrollo de prácticas de sustentabilidad. Este tipo de turismo puede configurarse como un importante instrumento para el etnodesarrollo de comunidades tradicionales, especialmente para aquellas que mantienen una relación intrínseca con el patrimonio geológico y minero, como es el caso de diversos núcleos poblacionales del Valle del Jequitinhonha (Brasil). El objetivo de este trabajo fue investigar las relaciones de las comunidades tradicionales de *quilombolas* y mineros con el patrimonio geominero del Valle del Jequitinhonha y sus contribuciones a la práctica del geoturismo como una alternativa de etnodesarrollo regional. Los procedimientos metodológicos adoptados incluyeron investigaciones bibliográficas; reconocimientos de campo con entrevistas semiestructuradas; análisis de la relación de las comunidades tradicionales con el patrimonio geominero; sistematización de datos; y reflexión crítica sobre la información planteada. El análisis de los resultados apunta que las comunidades objetivo de la investigación mantienen una relación intrínseca con el patrimonio geominero, y que la práctica del geoturismo, comprendida como una alternativa de etnodesarrollo, presenta elevadas potencialidades de apropiación por las poblaciones tradicionales locales en su ejercicio de protagonismo etnopolítico. Ya se atestiguan iniciativas de este tipo, aunque puntuales e incipientes, lo que requiere acciones de planificación y de intensificación del diálogo con los actores involucrados. Se espera que los resultados obtenidos en la investigación puedan contribuir a despertar una nueva mirada a esta temática por los gestores públicos, agentes del sector turístico, comunidad científica y grupos tradicionales locales.
Palabras clave: Geoturismo; Patrimonio geológico y minero; Etnodesarrollo; Comunidades Tradicionales; Valle del Jequitinhonha.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, iniciativas de conservação do patrimônio geológico e mineiro têm se disseminado em nível nacional e internacional por meio da atuação de instituições governamentais e acadêmicas. Essas iniciativas englobam: a divulgação do conhecimento geológico (a partir do inventário de locais de interesse geológico e geomineiro); a sinalização interpretativa desse tipo de patrimônio; o desenvolvimento de roteiros de geoturismo; a criação de geoparques; o tombamento de monumentos geológicos e a realização de estudos acadêmicos e projetos educacionais incluindo pesquisadores e comunidades locais. Dentre essas iniciativas, o geoturismo pode se configurar como uma prática relevante para as comunidades tradicionais, uma vez que essa atividade contribui para o etnodesenvolvimento, por meio da inserção das comunidades na construção e participação em projetos que visam a valorização e a conservação do patrimônio geomineiro.

O etnodesenvolvimento parte do princípio da busca de autonomia das comunidades tradicionais, uma vez que elas assumem uma dinâmica inserida nesse paradigma maior de participação nos projetos, estimando não apenas o valor econômico das relações, mas também os valores sociais e culturais aí envolvidos. Nesse sentido, considerando o contexto de emergência sociopolítica dos povos e comunidades tradicionais, que os vincula à gestação e consolidação nos contextos intra e extrarregionais de paisagens culturais alternativas definidas nas linhas da geografia cultural contemporânea (Deus, 2012; Deus, Silva, Neves, & Barbosa, 2018), fazse necessário colocar em diálogo, cada vez mais, as iniciativas de conservação do patrimônio geológico e mineiro com a visão e vivência dessas populações locais.

É relevante assinalar que tal protagonismo imbricado ao etnodesenvolvimento de povos e comunidades tradicionais vem se evidenciando fortemente a partir da construção e gestão de projetos etnoturísticos no território nacional, os quais, vale ressaltar, podem aperfeiçoar práticas socioculturais. Destacamse, sobretudo, projetos e ações com sociedades indígenas e núcleos quilombolas, cuja tradicionalidade vem sendo reconhecida na esfera governamental, a partir de legislações mais antigas e já consolidadas.

Em Minas Gerais, as discussões em torno da valorização do patrimônio geomineiro têm se difundido nos últimos anos, embora a problematização desenvolvida sobre iniciativas que incluam comunidades tradicionais ainda seja incipiente no âmbito de tais questionamentos e debates. A mesorregião do Vale do Jequitinhonha, localizada na porção nordeste do estado, estigmatizada como "vale da pobreza" numa perspectiva "economicista", apresenta, em particular, um rico patrimônio geológico e mineiro associado à diversidade sociocultural de suas comunidades tradicionais, que muitas vezes não é visível para a sociedade. Ressaltamse ainda, nesse contexto, os processos de marginalização histórica que incidiram nas comunidades de garimpeiros e que contribuíram para a negação identitária dessas coletividades, assim como dificultaram seu autorreconhecimento como grupos quilombolas.

Posto isso, o objetivo deste trabalho foi investigar as relações das comunidades tradicionais de quilombolas e garimpeiros com o patrimônio geomineiro do Vale do Jequitinhonha e suas contribuições para a prática do geoturismo como uma alternativa de etnodesenvolvimento regional. Para tal, partiuse das concepções metodológicas do geoturismo e da etnogeografia, que visam o entendimento

das realidades a partir da multiplicidade de olhares, considerando tanto dados e informações de estudos científicos quanto as geograficidades dos sujeitos que vivenciam e constroem suas realidades.

Os procedimentos metodológicos adotados para operacionalização da investigação compreenderam: pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental sobre a temática e área de estudo; inventário toponímico regional; reconhecimentos de campo que contaram com observações e entrevistas semiestruturadas para investigar a relação do públicoalvo da pesquisa com o patrimônio geomineiro e com as práticas geoturísticas nos municípios de Angelândia, Diamantina, Coronel Murta, Araçuaí e Pedra Azul. As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2015 e 2017, por ocasião da realização de trabalhos de campo do Programa de PósGraduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O públicoalvo das entrevistas foram lideranças das comunidades quilombolas de Alto dos Bois e Quartel do Indaiá, domiciliadas, respectivamente, nos municípios de Angelândia e Diamantina, e no âmbito das comunidades garimpeiras foram entrevistados líderes das comunidades de Extração e Quartel do Indaiá, em Diamantina; garimpeiros da Associação de Garimpeiros de Coronel Murta; e garimpeiros de Araçuaí e lideranças locais de Pedra Azul, totalizando 12 entrevistas, de cunho qualitativo com informanteschave. As questões investigadas contemplaram: motivos que levaram à decadência da atividade minerária, no contexto local e regional; representatividade da atividade extrativa; percepção sobre os atributos da geodiversidade; relatos de experiências turísticas na região; e propostas para o desenvolvimento turístico regional. E por fim, realizouse a contextualização e sistematização dos dados primários e secundários obtidos, e problematização e reflexão crítica sobre os conceitos e temas investigados.

GEOTURISMO, PATRIMÔNIO GEOMINEIRO E ETNODESENVOLVIMENTO

O geoturismo é uma modalidade do turismo emergente em âmbito nacional e internacional. Esse segmento turístico fundamentase na identificação, conservação e valorização do patrimônio geológico e mineiro, além da difusão do conhecimento geológico para o público leigo, visando, inclusive, sua execução a partir dos princípios do desenvolvimento sustentável.

A temática começou a ganhar impulso a partir da década de 1990, com as pesquisas do inglês Thomas Hose, que define o termo como: "a provisão de serviços e facilidades interpretativas que possibilitem aos turistas adquirir o conhecimento necessário para compreender a Geologia e a Geomorfologia de um local além da sua mera apreciação estética" (Hose, 1995, tradução nossa).

Hose (2000) introduziu, contudo, uma nova definição para o tema, considerando o geoturismo como a disponibilização de serviços e meios interpretativos que promovam o valor e os benefícios sociais de lugares com atrativos geológicos e geomorfológicos, assegurando sua conservação para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesses recreativos e de ócio.

No contexto nacional, Ruchkys (2007) faz uma reflexão conceitual sobre o geoturismo, considerando o patrimônio geológico e mineiro como seu principal atrativo, pois essa categoria de patrimônio, por meio de instrumentos de interpretação ambiental, possibilita sensibilizar o visitante, tornando o entendimento dos

processos geológicos e geomorfológicos de determinado território mais acessível ao público leigo, além da promoção e divulgação das Ciências da Terra.

É pertinente observar que a prática do geoturismo deve priorizar a vinculação dos elementos da bio e geodiversidade com os aspectos socioculturais, contribuindo para a otimização da oferta turística e o desenvolvimento da atividade, visto que – como já apontamos – o patrimônio natural e cultural se configura como a principal atratividade desse segmento. É relevante assinalar que essa articulação do geoturismo com os aspectos naturais e socioculturais contribui para sua interação com outras modalidades de turismo, como o turismo cultural, ecoturismo, turismo rural, turismo de aventura, entre outros.

Para López e Salazar (2008), o geoturismo constituiria uma estratégia para promover o desenvolvimento sustentável em comunidades economicamente deprimidas, pela utilização e proteção do seu patrimônio geológico e mineiro com os recursos turísticos de elevada qualidade.

Já de acordo com Moreira (2014), esse segmento teria a possibilidade de atingir um grau de importância estratégica para a ascensão do turismo no Brasil, como um fator de desenvolvimento social e educacional das comunidades envolvidas, uma vez que elas são a chave para o desenvolvimento da atividade turística e dos geoparques.

Assim, a elaboração e execução de roteiros geoturísticos pode se configurar como um instrumento eficaz para o crescimento e valorização de comunidades tradicionais. Mansur et al. (2013) chamam a atenção para as dificuldades em atrair o cidadão leigo em geociências diretamente para roteiros geoturísticos específicos, sugerindo como alternativa a adaptação de roteiros turísticos já implantados e em funcionamento como fator de agregação de valor. Essa estratégia foi implantada pela Mineropar, no Paraná, oferecendo cursos de capacitação para professores, guias e condutores de turismo.

No que concerne ao patrimônio de antigas lavras minerárias, as atividades de geoturismo podem se configurar também como uma ferramenta eficiente para divulgação, conservação e valorização do patrimônio mineiro, visto que esse tipo de patrimônio, além de compreender as estruturas físicas das minas, abarca ainda a cultura "mineira" que a comunidade desenvolveu durante o período de explotação dos recursos minerais lavrados aí. Sob a ótica socioeconômica, é notável que essa prática pode se consagrar como uma alternativa econômica potencializadora para os grupos que trabalhavam nesses territórios minerários e necessitam se recolocar no mercado de trabalho após o encerramento das atividades de mineração. E é sob esse viés que o patrimônio mineiro tem atraído interesse crescente de países desenvolvidos, ou seja, devido às características científicas e culturais inerentes a ele, que podem ter potencial para o desenvolvimento do turismo (Correia, Sá & Favas, 2012).

A Europa é pioneira nessa abordagem, tendo em vista o grande número de minas inativas lá localizadas, detentoras de um rico patrimônio cultural que desperta a atenção de um grande público, por serem locais ideais para a transmissão de conhecimento ligado às Ciências da Terra e à história da mineração. Destacamse as experiências de uso turístico em antigas minas na região de NordPasdeCalais, na França; em Lusatia, na fronteira da Alemanha e Polônia; em Cornwall (Cornualha), na Inglaterra; e em Lousal e Aljustrel, em Portugal (Accioly, 2012). O Instituto Geológico y Minero, na Espanha, também vem investindo na

construção de metodologias que contemplam o levantamento de sítios históricos de mineração e possibilidades de valorização do patrimônio geomineiro em diversas regiões do país, como na Andaluzia, Aragão, Astúrias, Ilhas Baleares, CastelaMancha, Castela e Leão, Catalunha, Múrcia e País Basco, conforme retratado por Riart (2000), GarcíaCortéz, Carcavilla, Díaz-Martínez e Vegas (2014), López (2010), Rodríguez (2010), entre outros.

O Programa Geoparques da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que visa a identificação de áreas para conservação do patrimônio geológico, também apresenta, em muitos geoparques, sítios ligados à história da mineração que são valorizados em iniciativas positivas e educativas, como os geoparques Arouca, em Portugal e Nature Parque na Alemanha.

O Brasil apresenta grande potencial para o uso turístico de antigas áreas de mineração, conforme testemunhado em várias regiões do país. Na região Nordeste, no Rio Grande do Norte, o patrimônio mineiro da mina de Brejuí tem despertado a atenção de inúmeros visitantes (Nascimento, Rocha & Nolasco, 2013). Os estudos de Carvalho e Nolasco (2007) ressaltam, por sua vez, o potencial turístico de antigas áreas de garimpo na Chapada Diamantina. No Sul do país, em Curitiba, encontrase o Parque das Pedreiras, onde se localiza a Ópera de Arame, que corresponde a um teatro construído em uma antiga cava da pedreira. No Rio Grande do Sul, encontrase o Ametista Parque, em Ametista do Sul, que oferece, dentre outras atrações, visitação a uma mina subterrânea (Accioly, 2012). Domingues (2016) destaca também as perspectivas de valorização e conservação do patrimônio geomineiro em Caçapava do Sul, no Rio Grande do Sul.

Em Minas Gerais, os debates sobre o fechamento de minas, as possibilidades de uso futuro de territórios minerários e a valorização do patrimônio geomineiro têm recebido particular atenção. Na província mineral do Quadrilátero Ferrífero (um dos mais notáveis domínios précambriano do mundo), recorte territorial considerado berço da mineração no estado, são recorrentes estudos que abrangem essa temática. A tese de Ruchkys (2007) representou um marco para a adoção desse tipo de iniciativa, com a proposição de um geoparque nessa região motivando o desenvolvimento de outros trabalhos e pesquisas nesse recorte territorial. Entre eles destacamse: Ruchkys e Machado (2013), que discorrem sobre os sítios históricos da mineração e o uso turístico nas antigas minas da Passagem, em Mariana, e Chico Rey, em Ouro Preto; e Paula e Castro (2014), que trazem uma metodologia para inventariar locais de interesse geológico e mineiro para fins turísticos, em Ouro Preto. Em outras regiões do estado também se observa trabalhos desse cunho, como o de Liccardo (2007), que aponta o turismo mineral na porção nordeste, com foco nas regiões de Teófilo Otoni, Araçuaí e Governador Valadares, e Lacerda (2014) problematiza, por sua vez, as interfaces do turismo com antigas lavras garimpeiras em Diamantina. E no sul de Minas, registrase o trabalho de Lopes e Ruchkys (2015), que realizaram uma modelagem de cenários integrados direcionada às minas inativas em São Thomé das Letras.

No âmbito governamental, a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) desenvolve, desde 2012, o Projeto Reconversão de Territórios, que considera, além dos aspectos ambientais, a importância da reintegração do território minerário após o encerramento da atividade e suas possibilidades de uso futuro. No contexto desse projeto, foi realizado entre os anos de 2014 e 2015 o inventário de minas abandonadas e paralisadas, a partir de vistorias em todas as mesorregiões

de Minas Gerais, resultando num total de 400 empreendimentos minerários inativos cadastrados (Feam, 2016). A mesorregião do Vale do Jequitinhonha, alvo deste estudo, apresentou um elevado quantitativo de empreendimentos inoperantes de extração de granito, gemas e minerais industriais.

Tais projetos vêm, ainda, no intuito de dialogar com as propostas de etnodesenvolvimento que postulam a necessidade "de as comunidades se tornarem gestores do seu próprio desenvolvimento, sendo assegurada a elas a oportunidade de formar seus etnoprofissionais em áreas técnicas específicas e estratégicas" (Batalla, 1981, 1985 *apud* Lima, 2014). Observese que tal perspectiva teve início na década de 1990, a partir de pesquisas e ações governamentais em conjunto com as populações indígenas, no intuito de solucionar a demanda dessas comunidades de preservarem o seu direito de controle e autorreconhecimento e de determinar os usos de seu território (Medeiros, 2011). Atualmente, tais práticas vêm sendo desenvolvidas junto com diversos grupos tradicionais que buscam, de alguma forma, uma prática de desenvolvimento local que valorize suas características sociais, culturais e ambientais, sendo respeitada, principalmente, a autonomia política e econômica do grupo.

Vale ressaltar ainda que, segundo Little (2002), o etnodesenvolvimento deve sempre considerar o diálogo entre o "desenvolvimento econômico de um grupo étnico" e o "desenvolvimento da etnicidade de um grupo social", que quando combinados levam em consideração, ainda, a concepção de escala local, pela qual, segundo o autor:

> existem maiores oportunidades para os grupos étnicos exercerem influência nas decisões que lhes afetam e, como consequência, promover mudanças nas suas práticas econômicas e sociais. É no nível local que começa o processo de construção da autogestão étnica. (Little, 2002)

Tendo em vista a diversidade de estudos com esse viés no cenário atual, incluindo ações e projetos governamentais, é que apresentaremos a seguir os resultados dessa pesquisa, que se deu por meio de investigações bibliográficas e relatos de comunidades de quilombolas e de garimpeiros entrevistados. Posteriormente, seguem-se os discursos de como o geoturismo se apresenta como uma perspectiva de etnodesenvolvimento para comunidades quilombolas e garimpeiras no emblemático recorte regional do Jequitinhonha.

O PATRIMÔNIO GEOMINEIRO DO VALE DO JEQUITINHONHA E SUAS INTERFACES COM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE QUILOMBOLAS E GARIMPEIROS

A realidade vivenciada na mesorregião do Vale do Jequitinhonha indica uma conexão profunda entre o local e o regional, de forma que a concepção identitária local ora se confunde com a regional, no sentido de "ser do vale", a partir do qual os próprios sujeitos se identificam com importantes unidades de paisagem, detentoras de um exuberante patrimônio natural e cultural. O Rio Jequitinhonha consagrase como o principal signo estruturante da paisagem – seja pelo seu caráter físicogeográfico ou pela perspectiva históricocultural –, e é um importante

contribuinte na formação da identidade dos sujeitos locais. Nessa perspectiva, Machado (2009, p. 89) ressalta que:

> mais do que um veio de águas perenes que atravessa o nordeste de Minas Gerais, o RIO JEQUITINHONHA é um signo da paisagem. Além de representar o principal agente de transformação do relevo, participa intensamente da transformação da paisagem. Na interação com o homem, o Jequitinhonha valese como rota de transporte; como abrigo de riquezas minerais; como fonte de alimentos, de água para consumo e irrigação; como fonte de energia hidroelétrica; como meio de lazer e como fonte de inspiração artística.

Sob a ótica geológica, o Vale do Jequitinhonha apresenta uma rica diversidade litológica, gemológica e geológicoeconômica reunindo principalmente rochas de uso ornamental, gemas e minerais industriais. É notável, ainda, que essa diversidade litológica, associada aos processos de dissecação fluvial, imprimiu na paisagem regional variadas formas de relevo, tendo maior notabilidade, nesse aspecto geomorfológico, a Serra do Espinhaço (na porção alta da bacia), o conjunto de planaltos em que se encontram as chapadas (distribuídas no médio Jequitinhonha) e os pontões de granito esculpindo as paisagens do baixo curso (Machado, 2009). Observase, ainda, que esses atributos naturais influenciaram fortemente o processo de ocupação regional, que remonta ao período colonial, quando diversos bandeirantes adentraram as regiões interiores da capitania das Minas Gerais em busca de diamantes e pedras preciosas.

Essas dimensões da realidade encontramse bem representadas pela toponímia regional. As cartas topográficas do Vale do Jequitinhonha apresentam diversos registros toponímicos vinculados ao patrimônio geológico e mineiro, bem como às atividades de extração mineral na região, a exemplo de Diamantina, Extração (distrito de Diamantina), Minas Novas, Pedra Azul, Turmalina, Berilo, Carbonita, Rubelita, Datas, Itaobim (do tupi, Pedra Verde), Itaipava (do tupi, Banco de Seixos), Cachoeira dos Cristais, Serra das Safiras, Gruta do Salitre (Diamantina), entre outros.

O Vale do Jequitinhonha revelase, nessa perspectiva, como um "vale de muitas culturas", ocupado por uma gama de populações tradicionais, constituída por: quilombolas, faiscadores (garimpeiros artesanais), coletores de semprevivas, indígenas, veredeiros, pescadores artesanais, vazanteiros, geraizeiros, povos de terreiros e catingueiros. Essa sociodiversidade expressase, inclusive, na produção do artesanato local (panelas e esculturas de barro, cestaria, bordados, tapeçaria, caixas de batuque e tambores), na música, nas poesias, nas histórias, nas festividades religiosas (festas do congado e de Nossa Senhora do Rosário, folias de Reis), nas expressões culturais (vesperatas, bandas de taquara, Festivale), na gastronomia, entre outras dinâmicas cotidianas que contribuem para a manutenção e reprodução dessas culturas no tempo e no espaço.

Toda essa riqueza cultural tem motivado uma intensa produção científica, sob ótica geográfica cultural, que utiliza categorias conceituais de análise e paradigmas de interpretação da geografia cultural e problematiza práticas culturais e de etnodesenvolvimento das populações do Vale, a exemplo dos estudos de Ferreira (2007), Martins (2007), Lacerda (2005, 2014), Lacerda, Sancho, Pena, e Deus (2011), Deus, (2012), Oliveira e Vieira (2012), Tubaldini, Gianasi e

Deus (2012), Miné e Rodrigues (2012), Diniz, Deus, Gianasi e Rodrigues (2012), Deus e Carmo (2016), Silva e Deus (2016), entre outros.

Nas últimas décadas, o aprofundamento do conhecimento geológico dessa região aumentou significativamente. Destacamse o Projeto Jequitinhonha, produzido pela Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (do Serviço Geológico do Brasil) em parceria com a Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais, e uma gama de estudos sobre a faixa orogênica Araçuaí, com destaque para as produções de Almeida (1977), Uhlein (1991), Uhlein e Kattah (2000), Uhlein, Trompette, EgydioSilva e Vauchez (2007), PedrosaSoares (1995), Pedrosa Soares e Wiedemann Leonardos (2000), Pedrosa Soares, Leonardos e Correia-Neves (1984), Pedrosa Soares et al. (1990, 2007, 2013), Alkmim, Pedrosa Soares, Noce e Cruz (2007). Também se registram estudos sobre a gemologia e garimpos da região, como mostram as obras de Gandini (1999), Castañeda, Addad e Liccardo (2001), Chaves e Meneghetti Filho (2002), Cornejo e Bartorelli (2010), Kahwage e Mendes (2011). Durante os anos de 2002 a 2005, foi desenvolvido pela UFMG o Projeto Progemas, destinado a apoiar o desenvolvimento do arranjo produtivo local de gemas e joias na região de AraçuaíCoronel Murta que também gerou diversos estudos.

Entretanto, na última década, a atividade garimpeira reduziuse significativamente no Vale do Jequitinhonha, levandose em consideração o contingente total de atores envolvidos (Reys, 2014).

Chaves e Meneghetti Filho (2002) destacam, nesse sentido, a necessidade da execução de medidas mitigadoras para a degradação ambiental advinda da explotação de diamantes no alto Jequitinhonha, reforçando que é preciso procurar alternativas socioeconômicas para as comunidades. É nesse contexto que a prática de atividades ligadas ao geoturismo e ao turismo cultural poderiam se converter numa alternativa positiva para os atores envolvidos nesses processos.

Já se observa nesse sentido a realização do Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local de Gemas e Artefatos de Pedra de Teófilo Otoni, que engloba diversos municípios dos vales do Jequitinhonha e Mucuri, o qual, contudo, sinaliza a necessidade da realização de estudos que contemplem os aspectos históricos e culturais da atividade garimpeira e proponham iniciativas como o mapeamento dos garimpos, intensificação da rota turística e criação do museu de gemas, visando o fomento do turismo mineral na região (Fundação Vanzolini, 2014).

No que concerne às comunidades quilombolas do Jequitinhonha, testemunhase o desenvolvimento de diversas iniciativas de valorização, resgate das tradições culturais e interpretação do patrimônio cultural, no intuito de inserilas como protagonistas de roteiros turísticos locais e regionais, a exemplo do Projeto Rota dos Quilombos, coordenado pelo Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva e fundamentado nos princípios da economia solidária (Deus & Carmo, 2016).

É também nessa perspectiva que o patrimônio geomineiro apresentase como eixo estruturante das interações do ser humano com o meio, uma vez que ele permite a reflexão das assimilações e significações que irão contribuir para a apropriação de valores, não apenas pela comunidade local, mas para a sociedade em geral. A partir de tais concepções, o geoturismo se apresentaria como uma importante estratégia para etnodesenvolvimento, uma vez que perpassa pelo reconhecimento e valorização do patrimônio, tanto por aqueles que o vivenciam quanto por aqueles que desejam experimentálo por meio das atividades turísticas.

GEOTURISMO: UMA NOVA PERSPECTIVA DE ETNODESENVOLVIMENTO PARA AS COMUNIDADES TRADICIONAIS QUILOMBOLAS E GARIMPEIRAS DO VALE DO JEQUITINHONHA, MG

De acordo com os relatos dos entrevistados, os principais motivos que incitaram a paralisação da atividade extrativa mineral estão pautados na deficiência das ações de planejamento e gerenciamento, além da dificuldade no atendimento à legislação mineral e ambiental vigentes. Ressaltase que muitas dessas áreas minerárias estão localizadas em territórios quilombolas, sendo esses atores direta ou indiretamente envolvidos nos processos de extração mineral. As comunidades também destacaram os transtornos advindos da decadência da atividade extrativa na região, tendo em vista que elas dependem economicamente da atividade, interferindo, inclusive, no processo de migração sazonal e nas relações socioculturais dessas comunidades com as regiões de tradicional atração do movimento migratório.

No que concerne à representatividade do patrimônio histórico e natural, os entrevistados reforçaram, nesse sentido, a importância da execução de projetos que promovam a valorização de seus aspectos históricos, do patrimônio natural e que fomentem a geração de renda, por meio, inclusive, desse fortalecimento da identidade cultural. Também pontuaram que a atividade extrativa mineral faz parte da sua história, uma vez que se trata de uma tradição familiar que vem se mantendo desde o período colonial. Entretanto, a manutenção dessa tradição encontrase ameaçada, como mostra a fala de uma entrevistada quilombola e garimpeira:

> Meus meninos já foram embora porque aqui não tem trabalho . . . aqui sempre teve garimpo, mas agora não pode e a gente tem que se virar de outro jeito . . ., mas era muito bom quando juntava aquela tropa de homem, mulher e menino e iam tudo para a beira do rio. (comunicação pessoal, Comunidade de Quartel do Indaiá, Diamantina, 2017)

Sob a ótica turística, podese observar que o rico patrimônio natural e cultural do Vale do Jequitinhonha motivou a criação de diversos circuitos turísticos instituídos pela Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais, entre os quais destacamse: o Circuito dos Diamantes – que incide no alto Jequitinhonha; o Circuito das Pedras Preciosas – no médio Jequitinhonha, que abrange também municípios do Vale do Mucuri; e o Circuito Vale do Jequitinhonha, que é composto, em sua maioria, por municípios do baixo e do médio Jequitinhonha.

A partir das observações de campo e relatos dos entrevistados pode-se assinalar que em toda a bacia do Jequitinhonha, tendo em vista a geo e sociodiversidade regionais, é possível se observar potencialidades para a prática de geoturismo, embora as ações desse cunho ainda sejam incipientes, sobretudo aquelas envolvendo comunidades tradicionais. Sobressaemse, todavia, conforme os depoimentos dos entrevistados, algumas experiências pontuais, tais como em Diamantina, onde os visitantes podem desfrutar do rico patrimônio geológico da Serra do Espinhaço e conhecer com maior detalhe a importância histórica cultural da região na explotação de diamantes. A experiência nessa localidade se expande ainda ao Museu de Diamantes e à Casa da Glória, onde os visitantes podem conhecer, além de algumas amostras importantes desses minerais, a história e o desenvolvimento de pesquisas e descobrimentos realizados nessa região desde o século XVIII. Também são evidenciadas práticas de turismo científico em antigas áreas de extração de diamantes por estudantes universitários

de cursos variados, como nos distritos de Extração (Curralinho) e Quartel do Indaiá. Outro lugar de destaque, localizado na zona rural de Diamantina, é o ponto turístico Garimpo Real, empreendimento voltado à experiência e vivência garimpeira, resgatando e revelando aos visitantes os costumes do garimpeiro e sua maneira tradicional de procurar os diamantes. De acordo com o proprietário, são oferecidas atividades interativas (concernentes à prática do garimpo) durante a visita das pessoas ao lugar.

No médio Jequitinhonha, algumas lavras garimpeiras na microrregião de Araçuaí, como a lavra da Serra da Cascalheira (em Coronel Murta) e o garimpo do "Zé da Estrada" (em Itinga), também são alvo de visitação por estudantes dos cursos de geologia e de engenharia de minas de diversas universidades, segundo depoimento dos entrevistados.

No baixo Jequitinhonha, foi destacada pelos entrevistados a paisagem natural dos famosos pontões de granito, também conhecidos por "pães de açúcar" do Vale do Jequitinhonha, localizados nas regiões de Rubim, Jacinto e Pedra Azul, que constituem monumentos geológicos que recebem um grande número de visitantes, inclusive para a prática de escalada, além de antigas áreas de garimpo de água marinha, como o de Laranjeiras, que deu origem à toponímia "Pedra Azul". Além dos atributos geológicos e arqueológicos, a região é considerada como um importante ecótono, resultante da transição entre três biomas: Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Entretanto, foi pontuado pelas lideranças locais que as práticas de turismo desordenado incidentes nessas áreas comprometem a integridade de alguns sítios arqueológicos da região, como é o caso da Pedra do Salão, em Rubim. Tal fato motivou a elaboração de um projeto de lei prevendo a criação do Parque Estadual da Pedra Misteriosa (embora o projeto não tenha sido aprovado pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais, devido aos conflitos que emergiram com os proprietários rurais locais). Contudo, a maioria dos entrevistados, cerca de 98%, considera que o turismo pode se consagrar como uma opção de desenvolvimento socioeconômico local.

A partir das entrevistas acrescidas às observações de campo, notase que, muitas vezes, essas atividades ocorrem sem um planejamento prévio, mostrandose desprovidas de instrumentos que poderiam tornar a visita mais agradável e produtiva, como a elaboração de roteiros geoturísticos; o desenvolvimento de técnicas de interpretação ambiental; o uso de materiais educativos; e, principalmente, a inclusão e a capacitação eco e geoturística de membros das comunidades tradicionais locais, que são os maiores detentores de conhecimento sobre essas áreas, que fazem parte da sua história de vida.

Ao elencarmos alguns dos projetos, estudos e roteiros que vêm sendo construídos no Jequitinhonha, buscamos não apenas pontuar sua importância na escala local e regional, mas também chamar a atenção para a elevada potencialidade de etnodesenvolvimento regional por meio do geoturismo. Além disso, sinalizamos a necessidade, cada vez mais evidente, de se conceber uma rede integrada desde o planejamento à execução que conecte tais projetos e as comunidades envolvidas na conservação e manutenção de todos esses valores do patrimônio geomineiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O geoturismo consiste num segmento turístico em plena ascensão e que permite às comunidades tradicionais maior inserção na atividade, propiciando a

elas outra maneira de interagir com o seu próprio patrimônio histórico, geológico e mineiro, que fomenta a geração de renda e possibilita a manutenção das famílias em suas localidades. A partir dos resultados obtidos nos trabalhos de campo, vale notar que observamos que membros dessas coletividades podem atuar como guias locais, tendo em vista a riqueza sociocultural de suas vivências e experiências de vida nesses lugares/territórios, contribuindo significativamente para a difusão do saber tradicional. Além disso, a própria comunidade pode se articular para atender a outras demandas integrantes da cadeia turística, como hospedagem, gastronomia, venda de artesanato, entre outras atividades pautadas nos parâmetros da sustentabilidade e da economia solidária.

O Vale do Jequitinhonha é detentor de um patrimônio natural e cultural de grande relevância para Minas Gerais. Em toda a sua extensão, são notáveis os testemunhos de sua conectividade com o patrimônio geológico e mineiro. Além disso, abarca um montante considerável das mais diversas categorias de comunidades tradicionais, que trazem consigo saberes de um modo de vida singular, extremamente sugestivo e relevante para a prática do geoturismo na região.

Apesar do rico potencial do Vale, as iniciativas que contemplam o geoturismo ainda são incipientes e pontuais, demandando maior articulação dos gestores públicos e outros atores envolvidos no segmento, a fim de se estabelecer um diálogo mais estreito com as comunidades tradicionais e construir, de forma coletiva, o planejamento e gestão dessa atividade, colaborando ainda, nesse sentido, para a efetividade do etnodesenvolvimento regional das comunidades tradicionais aí domiciliadas.

REFERÊNCIAS

Accioly, S. M. L. (2012). *Uso futuro de áreas mineradas e o meio urbano: o caso de Águas Claras*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Alkmim, F. F., PedrosaSoares, A. C., Noce, C. M. & Cruz, S. C. P. (2007). Sobre a evolução tectônica do orógeno AraçuaíCongo Ocidental. *Geonomos*, *15*(1), 2543.

Almeida, F. F. M. (1977). O Cráton do São Francisco. *Revista Brasileira de Geociências*, *7*(4), 349364.

Carvalho, H. D. S. & Nolasco, M. C. (2007). Potencial turístico de antigas trilhas garimpeiras em Iguatu, Parque Nacional da Chapada DiamantinaBA. *Global Tourism*, *3*(2), 121.

Castañeda, C., Addad, J. E. & Liccardo, A. (2001). *Gemas de Minas Gerais*. Belo Horizonte, MG: Sociedade Brasileira de Geologia.

Chaves, M. L. S. C., Meneghetti Filho, Í. (2002). Conglomerado Diamantífero Sopa, Região de Diamantina, MG: marco histórico da mineração do diamante no Brasil – *SIGEP*, *36*, 517527.

Cornejo, C. & Bartorelli, A. (2010). *Minerais e pedras preciosas do Brasil*. São Paulo, SP: Solaris Edições Culturais.

Correia, V. F., Sá, A. & Favas, P. J. C. (2012). Valorização patrimonial das Minas de Regoufe e Rio de Frades (Geoparque Arouca, Portugal). In M. H. Henriques, A. I. Andrade, M. Quinta-Ferreira, F. C. Lopes, M. T. Barata, R. P. Reis et al. (Coords.). *Para aprender com a Terra: memórias e notícias de Geociências no espaço lusófono* (pp. 259266). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Deus, J. A. S. (2012). Paisagens culturais alternativas e protagonismo etnopolítico de comunidades tradicionais no hinterland brasileiro. In M. A. S. Tubaldini & L. M. Gianasi. *Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha:*

gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia (pp. 3550). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.

Deus, J. A. S. & Carmo, L. P. (2016). Rota dos quilombos: identidade Quilombola, Etnodesenvolvimento e Paisagens Culturais no Vale do Jequitinhonha/Minas Gerais – Brasil. *Anais do Colóquio IberoAmericano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*, Belo Horizonte, 4, 116.

Deus, J. A. S., Silva, L. M. R., Neves, M. R. C. & Barbosa, L. D. (2018). Processos comunitários de reafirmação identitária e a constituição de paisagens culturais alternativas nos Vales do Rio Doce e Jequitinhonha. MG. Brasil. *Geonordeste*, *24*(1), 7390.

Diniz, R. F., Deus, J. A. S., Gianasi, L. M. & Rodrigues, L. M. (2012). Abordagens etnogeográficas do uso de saberes na produção do artesanato em comunidades quilombolas de Minas Novas e Chapada do Norte. In M. A. S. Tubaldini & L. M. Gianasi. *Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha: gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia* (pp. 175193). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.

Domingues, S. A. (2016). *Perspectivas de valorização e conservação do patrimônio geomineiro da localidade de minas do Camaquã (Caçapava do Sul, RS)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

Feam – Fundação Estadual do Meio Ambiente. (2016). *Cadastro de minas paralisadas e abandonadas no Estado de Minas Gerais: relatório*. Belo Horizonte, MG: Feam.

Fundação Vanzolini. (2014). Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local de Gemas e Artefatos de Pedra de Teófilo Otoni. *Relatório*. São Paulo, SP: Fundação Vanzolini. Recuperado de http://bit.ly/348JfZC

Gandini, A. L. (1999). *Aspectos da mineralogia, geoquímica, gênese e potencialidade econômica do Campo Pegmatítico de Marilac, Minas Gerais*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

GarcíaCortés, A., Carcavilla, L., Díaz-Martínez, E. & Vegas, J. (2014). *Documento metodológico para la elaboración del inventario español de lugares de interés geológico (IELIG): versión 11*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España. Recuperado de: http://bit.ly/2zthMUp

Hose, T. A. (1995). Selling the story of Britain's Stone. *Environmental Interpretation*, *10*(2), 1617.

Hose, T. A. (2000). European "Geotourism" – geological interpretation and geoconservation promotion for tourists. In D. Barettino, W. A. P. Wimbledon & E. Gallego. *Geological heritage: its conservation and management* (pp. 127146). Madrid: IGME.

Kahwage, M. A. & Mendes, J. C. (2011). O berilo gemológico da província pegmatítica Oriental do Brasil. *Geochimica Brasiliensis*, *17*(1), 1325.

Lacerda, M. O. (2005). *Paisagem e potencial turístico no Vale do Jequitinhonha*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Lacerda, M. O. (2014). *Paisagem da Terra dos Diamantes: passado e presente a favor de uma reflexão prospectiva*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Lacerda, M. O., Sancho, A., Pena, R. & Deus, J. A. (2011). Paisagem cultural em Diamantina, MG: um estudo sobre patrimônio e topofilia. *Revista Geográfica de América Central*, *11*(n. esp.), 119.

Liccardo, A. (2007). Turismo mineral em Minas Gerais, Brasil. *Global Tourism*, *3* (2), 119.

Lima, I. B. (2014). Etnodesenvolvimento: abordagens conceituais. In I.B. Lima (Org.). *Etnodesenvolvimento e gestão territorial: comunidades indígenas e quilombolas* (pp. 1546). Curitiba, PR: CRV.

Little, P. (2002). Etnodesenvolvimento: autonomia cultural na era do liberalismo global. *Revista Tellus*, *2*(3), 3352.

Lopes, C. & Ruchkys, U. (2015). Recursos da geodiversidade de São Thomé das Letras – MG e seu uso para mineração e geoconservação: perspectivas para a reconversão desse território mineiro. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, *35*, p. 335347.

López, M. I. (2010). *Proyecciones del patrimonio cultural minero en Chile. La reocupación cultural y turística como estrategia de revitalización: el caso del territorio minero del Golfo de Arauco*. (Tese de Doutorado). Universidad Politécnica de Madrid, Madrid.

López, R. & Salazar, J. (2008). *Geoturistic resources of Cubagua Island*. Referência digital publicada na Associação Internacional de Geoturismo (Polônia).

Machado, P. S. O. (2009). O trabalho de campo e o olhar sobre a paisagem do Vale do Jequitinhonha. *Anais Encuentro de Geografos de America Latina*, Montevidéu, 12, 113.

Mansur, K. L., Rocha, A. J. D., Pedreira, A., Schobbenhaus, C., Salamuni, E., Erthal, F.C. et al. (2013). Iniciativas institucionais de valorização do patrimônio geológico do Brasil. *Boletim Paranaense de Geociências*, *70*, 227.

Martins, M. L. (2007). Mineração, identidade garimpeira e meio ambiente: os conflitos em torno da extração de diamantes no Alto Jequitinhonha, 19891995. *Anais do Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, 24, 110.

Medeiros, M. (2011). Etnodesenvolvimento e desenvolvimento local: contributos para um debate teórico *Ambiência*, *7*(1), 165177.

Miné, G. O. & Rodrigues, L. M. (2012). Associativismo quilombola: a luta pelos múltiplos usos do território. In M.A.S. Tubaldini & L.M. Gianasi. *Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha: gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia* (pp. 125138). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.

Moreira, J. C. (2014). *Geoturismo e interpretação ambiental*. Ponta Grossa, PR: Editora UEPG.

Nascimento, M. A. L., Rocha, A. J. D. & Nolasco, M. C. (2013). Patrimônio geológico e mineiro no nordeste do Brasil. *Boletim Paranaense de Geociências*, *70*, 103119.

Oliveira, W. & Vieira, V. C. (2012). A condição social e econômica do garimpeiro da cidade de Diamantina: Uma história contada por seus protagonistas. *Revista Vozes dos Vales*, *1*(2), 120.

Paula, S. F. & Castro, P. T. A. (2014). Protocolo de avaliação e inventariação de lugares de interesse geológico e mineiro. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, *7*(1), 1927.

PedrosaSoares, A. C. (1995). *Potencial aurífero do Vale do Araçuaí, Minas Gerais: história da exploração, geologia e controle tectonometamórfico*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.

PedrosaSoares, A. C. & WiedemannLeonardos, C. M. (2000). Evolution of the Araçuaí Belt and its connection to the Ribeira Belt, eastern Brazil. In U.G. Cordani, E.J. Milani, A. Thomaz Filho & D. A. Campos (Eds.). *Tectonic evolution of South America* (pp. 265310). Rio de Janeiro, RJ: 31st International Geological Congress.

PedrosaSoares, A. C., Leonardos, O. H. & CorreiaNeves, J. M. (1984). Aspectos metamórficos de sequências supracrustais da Faixa Araçuaí em Minas Gerais. *Anais do Congresso Brasileiro de Geologia*, Rio de Janeiro, RJ, 33, v. 7, 30563068.

PedrosaSoares, A. C., Monteiro, R. L. B. P., Noce, C. M., FreitasSilva, F. H., Oliveira, M. J. R. & Schettino, A. (1990). Caracterização de uma seqüência vulcanosedimentar distal na Faixa Araçuaí, MG: bacia oceânica restrita? In *Boletim do Congresso Brasileiro de Geologia*, Natal, RN, 36, 292.

PedrosaSoares, A. C., Noce, C. M., Alkmim, F. F. D., Silva, L. C. D., Babinski, M. & Cordani, U. et al. (2007). Orógeno Araçuaí: síntese do conhecimento 30 anos após Almeida 1977. *Geonomos*, *15*(1), 116.

Reys, A. (2014). Introdução aos territórios produtores de gemas: o caso brasileiro do nordeste de Minas Gerais. *Revista Confins*, (22).

Riart, O. P. (2000). La conservación del patrimonio geológico y minero. In Instituto Geológico y Minero de España. *Estudio e investigación en Ciencias de la Tierra: Ciento cincuenta años: 18491999* (pp. 73101). Madrid: Ministerio de Ciencia y Tecnología.

Rodríguez, A. S. (Dir.). (2010). *Estudio del patrimonio minero de Extremadura*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España.

Ruchkys, U. (2007). Patrimônio geológico e geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: potencial para a criação de um geoparque da Unesco. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Ruchkys, U. & Machado, M. M. M. (2013). Patrimônio geológico e mineiro do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: caracterização e iniciativas de uso para educação e geoturismo. *Boletim Paranaense de Geociências*, *70*, 120133.

Silva, L. M. R. & Deus, J. A. S. (2016). Vale do Jequitinhonha: paisagem cultural brasileira: um olhar sobre o sítio históricocultural de Alto dos Bois. *Anais do Colóquio IberoAmericano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*, Belo Horizonte, 4, 116.

Tubaldini, M. A. S., Gianasi, L. M. & Deus, J. A. S. (2012). Estratégias de reprodução social complementares da agricultura camponesa e etnomapeamento quilombola no recorte territorial de Minas Novas, Capelinha e Chapada do Norte – Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais/Brasil. In M.A.S. Tubaldini & L.M. Gianasi. *Agricultura familiar, cultura camponesa e novas territorialidades no Vale do Jequitinhonha: gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia* (pp. 1134). Belo Horizonte, MG: Fino Traço.

Uhlein, A. (1991). Transição crátonfaixa dobrada: exemplo do Cráton do São Francisco e da Faixa Araçuaí (ciclo brasiliano) no estado de Minas Gerais: aspectos estratigráficos e estruturais. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Uhlein, A. & Kattah, C.L. (2000). Tectônica de alojamento do Complexo de Medina, Faixa Araçuaí, MG. *Revista da Escola de Minas*, *53*(1), 2126.

Uhlein, A., Trompette, R. R., EgydioSilva, M. & Vauchez, A. (2007). A glaciação sturtiana (~750 Ma), a estrutura do rifte MacaúbasSanto Onofre e a estratigrafia do Grupo Macaúbas, Faixa Araçuaí. *Geonomos*, *15*(1), 4560.

Recebido em: 31/01/2018
Aprovado em: 18/07/2018

CONTRIBUIÇÕES

Liliane Rodrigues de O. Braga: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta de dados, análise de dados, revisão crítica do manuscrito, redação do manuscrito, adequação do manuscrito às normas da RTA.

Ludimila de Miranda Rodrigues Silva: Desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta de dados, análise de dados, revisão crítica do manuscrito, redação do manuscrito, adequação do manuscrito às normas da RTA.

José Antônio Souza de Deus: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, análise de dados, revisão crítica do manuscrito, redação do manuscrito, adequação do manuscrito às normas da RTA.